

Homossexualidade no anglicanismo

DOM SUMIO TAKATSU

Como anda a questão das diferentes orientações sexuais na Comunhão Anglicana? Pra começo de conversa, *Comunhão Anglicana* é um conceito um tanto elástico no sentido de que compreende cerca de trinta e seis igrejas com suas quatrocentas dioceses em cento e sessenta e cinco países. São igrejas autônomas e interdependentes cujos símbolos de unidade são: a) a pessoa do Arcebispo de Cantuária; b) a Conferência de Lambeth, que se reúne todos os bispos a cada dez anos (em julho e agosto de 1998, esteve reunida na Universidade de Kent, em Cantuária); c) o Conselho Consultivo Anglicano (composto de bispos, presbíteros e leigos representantes das Igrejas da Comunhão) e d) o Encontro dos Primazes. O Arcebispo de Cantuária é apenas símbolo de unidade e não tem jurisdição sobre outras Igrejas da Comunhão. Os organismos de consulta debatem as questões que são colocadas às Igrejas, conferem o ensino e as experiências de suas Igrejas e tomam resoluções, que têm o poder de formar as opiniões. Por isso, saber como anda a questão da homossexualidade na Comunhão Anglicana pode significar o relato do que está acontecendo nessas igrejas ou nos organismos referidos. Devido à diversidade do próprio cristianismo e do mundo, que os anglicanos compartilham, praticamente cada uma das igrejas apresenta sua maneira de se posicionar frente a essa questão. Por exemplo, com exceção da Igreja da África do Sul, as igrejas daquele continente tendem a dizer que não têm esse problema e reagem violentamente contra a defesa dos direitos de homossexuais. Outras reconhecem a importância da questão sob

a perspectiva da acolhida dos “indesejáveis”, assim como Jesus os acolheu, mas tendem a dizer que a questão não é prioritária no momento. No entanto, a despeito da diversidade, há um jeito anglicano comum de debater, enfrentar e conviver com diferenças.

A primeira parte deste artigo será uma breve exposição dos debates em torno das diferentes orientações sexuais em alguns organismos da Comunhão Anglicana.

Na Conferência de Lambeth de 1978, John Coburn e Paul Moore, bispos de Massachusetts e de Nova York, respectivamente, expuseram a questão do reconhecimento dos homossexuais não como uma atitude mista de compaixão e concessão. Após caloroso debate surgiu um relatório, que pode ser resumido assim:

Hoje não se espera que todos se conformem a uma norma – uma espécie de qualidade média de ser humano – mas antes se regozijem na diversidade. Assim, o *status* e os direitos dos homossexuais estão sendo reconsiderados.

A homossexualidade é raramente compreendida pela Igreja e pela sociedade. A despeito de muita pesquisa há ainda uma divergência considerável sobre a sua natureza e causa. A mesma é referida comumente como sendo desvio. Todavia, muitos homossexuais acreditam ser normais. Eles ou elas não pedem simpatia, mas reconhecimento do fato de que sua relação homossexual pode expressar amor mútuo próprio para as pessoas envolvidas tanto quanto entre os heterossexuais. A maioria dos cristãos não querem concordar com esta posição. Contudo, afirmamos que não haverá uma compreensão adequada da sexualidade, tanto na sociedade como um todo, quanto entre os cristãos, até que abordem a questão sem preconceito e com compaixão.

Questões relacionadas com a homossexualidade são reconhecidamente complexas e observamos que estão sendo objetos de estudos sérios em algumas partes da Comunhão Anglicana...

É a responsabilidade de cada Igreja local tornar-se uma comunhão/comunidade afetuosa, centrada em Cristo e eucarística, para que cada temperamento e cada tendência encontrem sua verdadeira unidade e comunhão dentro da família total de Cristo, onde todos são pecadores, todos podem encontrar a graça e perdão de Cristo em sua “comunidade acolhedora” (*The Report of the Lambeth Conference*, 1978, p. 64-65).

Na Conferência de Lambeth de 1988, o bispo Paul Moore (já aposentado desde 1989) apresentou uma proposta pelo reconhecimento dos direitos das diferentes preferências sexuais. Houve uma reação enraivecida dos bispos africanos com exceção dos da Igreja da África do Sul. E o bispo de Nova expressou com franqueza a sua decepção com a conferência. Aconteceram, também, algumas situações jocosas. Alguém perguntou a um dos africanos: por que vocês reagem tão emocionalmente contra o homossexualismo? Este ficou exaltado. Nisso, um bispo escocês brincou com ele dizendo: "Vocês, africanos 'imperialistas', querem impor a cultura de vocês sobre nós?" Ao ouvir "imperialista", ele riu muito. Pareceu-lhe que o mundo havia ficado com as pernas para o ar e respondeu algo como: "Com o homossexualismo você não vai ter mais descendência". A verdade é que a procriação ocupa lugar secundário na compreensão do matrimônio nos Livros de Oração Comum, que representam o ensino oficial das Igrejas da Comunhão Anglicana. A despeito da reação enraivecida, a Conferência aprovou as seguintes resoluções sob o título de direitos humanos das diferentes orientações sexuais:

- Reafirma a declaração de 1978, reconhecendo a contínua necessidade de estudo profundo e desapassionado, para a próxima década, da questão da homossexualidade, que leve em consideração tanto o ensino das Escrituras quanto os resultados da pesquisa científica e médica.
 - Recomenda com urgência que tal estudo e reflexão leve em consideração pesquisas psicológicas, biológicas e genéticas que estão sendo realizadas por outras agências, bem como fatores sócio-culturais que gerem diferentes atitudes nas Províncias de nossa Comunhão.
 - Convocar cada Província (Igreja) a reavaliar, à luz de tal estudo e de nossa preocupação com os direitos humanos, o cuidado e atitude para com as pessoas de orientação homossexual.
- (*The Truth Shall Make You Free, Relatório da Conferência de Lambeth 1988*, p. 237)

Têm surgido, pelo menos nestes últimos dez anos ou mais, organizações e movimentos de

compreensão e reconhecimento da homossexualidade na Igreja e até eventos esporádicos de apoio nas paróquias e nas catedrais de algumas Igrejas da Comunhão Anglicana. Não faltaram, também, pastorais das Câmaras dos Bispos no sentido de compreender o problema e acolher as pessoas até então consideradas indesejáveis como Cristo as acolheu. Houve pedido corajoso de desculpas públicas para os homossexuais por parte dos bispos da Igreja da África do Sul, no ano passado. Também, numa entrevista com o Conselho Mundial de Igrejas, na Cidade do Cabo (03/03/98), Desmond Tutu declarou que a defesa dos homossexuais é uma questão de justiça ordinária. Lembra que se os negros foram culpados por aquilo que não podiam mudar (a cor), o mesmo acontece com gays e lésbicas. E disse: "É uma loucura não querer admitir o casamento monogâmico e duradouro entre eles", referindo-se à sua própria Igreja. Também, na Inglaterra, na catedral da diocese de Southwark, (sul de Londres, 17/11/97) reuniram-se cerca de duas mil pessoas para a Ação de Graças do Movimento dos Homossexuais e Lésbicas com a participação do bispo da diocese e de outras e inúmeros clérigos, sendo pregador na ocasião, o bispo John Gladwin, de Guildford. Houve uma boa repercussão. Um dos pontos altos de seu sermão foi a afirmação de que vivemos num outro tempo e que é necessário recuperar o sentido da família, mas num sentido mais amplo, em que os solteiros, velhos e novos, gays e lésbicas, gente que carece de cuidados especiais sejam acolhidas. Também não deixou de haver um movimento de protesto contra essa celebração.

Há movimentos a favor e contra a homossexualidade na Igreja Episcopal dos Estados Unidos. *Episcopais Unidos* é uma organização composta de anglo-católicos, evangélicos e carismáticos conservadores que se opõem ao homossexualismo. Para eles, a homossexualidade é pecaminosa. Sua preocupação principal é a mudança nas leis canônicas no sentido de permitir o casamento e ordenação de pessoas de diferentes preferências se-

xuais. Já o movimento *Integridade* fica numa outra ponta. É um movimento de solidariedade e apoio pastoral dos homossexuais e lésbicas para outros cristãos nas mesmas condições, e com setenta capítulos nos Estados Unidos, Canadá e Austrália. Seu propósito consiste em:

- Propiciar um fórum dentro da Igreja Episcopal, uma comunidade que seja educacional e litúrgica, que leve todos a uma compreensão mais esclarecedora da espiritualidade e da liturgia;
- Apoiar por meio de educação e reforma das leis os programas que representem compreensão da sexualidade humana;
- Ser uma comunidade aberta de homens e mulheres, que trabalhem em prol dos homossexuais, e pela aceitação destes como membros plenos e iguais da Igreja e da sociedade.

Não têm faltado Pastorais das Câmaras dos Bispos (cada uma das Igrejas da Comunhão tem sua Câmara de Bispos e, também, seu Sínodo composto de bispos, presbíteros e leigos). Desde 1979, após a Conferência de Lambeth de 78, a Câmara dos Bispos da Igreja Anglicana do Canadá tem, por exemplo, revisado sua pastoral sobre a sexualidade a cada Sínodo. A última, a que teve acesso este autor, data de 1995. Ela reitera a proibição da solenização do casamento entre as pessoas de mesmo sexo. E traz um adendo:

Creemos que as pessoas homossexuais são filhos e filhas de Deus e têm, como todos os outros, o direito ao amor, aceitação, preocupação e cuidado pastorais da Igreja. O Evangelho de Jesus Cristo obriga os cristãos a se guardar contra todas as formas de injustiça humana e afirma que todas as pessoas são irmãs e irmãos pelas quais Jesus Cristo morreu. Afirmamos que os homossexuais têm o direito à proteção da lei igual a todos os cidadãos canadenses.

(Da *home page* da Igreja Anglicana do Canadá)

A Câmara dos Bispos da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil elaborou uma breve pastoral salientando que a Igreja é a comunhão acolhedora como Cristo acolheu com amor pessoas de qualquer raça, cultura, classe social ou orientação sexual. A sexualidade como parte integral da hu-

manidade e dom de Deus foi enfatizada, bem como a importância do amor para sua realização plena. Por isso, rejeita a promiscuidade e atos de violência sexual. Por ser complexa a questão, não se tem uma palavra definitiva sobre a ordenação e a bênção nupcial dos homossexuais.

É bom informar que, na mesma Câmara dos Bispos da Igreja do Canadá, houve quem discordasse no que se referisse ao casamento entre pessoas do mesmo sexo. Trata-se do bispo Ingham, de New Westminster. Ele teve uma longa experiência de estudos das Escrituras e da pastoral com as pessoas de diferentes condições sociais. O que deu início à sua caminhada foi um debate público entre dois anglicanos, John Spong, bispo de Newark, Estados Unidos, e John Stott, evangelical inglês, em julho de 1993, na Catedral de Vancouver, com a presença de mil e quatrocentas pessoas. O que se notou foi um abismo entre duas posições fundamentalmente opostas sobre a sexualidade e a liberdade humana, e a interpretação das Escrituras e do que se quer dizer a partir do Evangelho, embora houvesse muito respeito entre os debatedores e os participantes. Entre eles, muitos mantêm uma boa relação uns com os outros a despeito das divergências. Verificou-se, porém, a necessidade de um trabalho de “ponte” entre as duas posições. Para tanto, o bispo Ingham foi solicitado. Como resultado de três anos nessa tarefa de ponte, ele apresentou um trabalho: *Deus amou o mundo de tal maneira...*

Ali ele relata sua peregrinação no ideal ascético que compreende que, ao se alcançar níveis elevados de espiritualidade, deve-se renunciar à sexualidade para a compreensão da espiritualidade. O que é necessário, continua ele, é a integração sadia do erótico no Cristianismo. Pois sua supressão e a idealização do amor sem o sexo resulta em sexo sem amor, comercialização, objetivação do sexo e em promiscuidade autodestrutiva. Ao tentar sua supressão, o sexo será transformado em sombra humana, força “obscura”, que poderá irromper-se e dominar-nos com

seu poder, um profundo caos não resolvido que poderá desencadear em força destruidora.

Em todas essas considerações, para o bispo Ingham, há lugar para a vida solteira e de abstinência sexual. Também não deixou de crer que a vida cristã é uma escolha voluntária do caminho "difícil" de autodisciplina e de doação de si mesmo e não do caminho fácil, de satisfação de propósitos egoístas. Assim ele cresce na compreensão de que as relações sexuais entre as pessoas são sacramentais, isto é, são sinais externos e visíveis de uma graça interna e espiritual que relaciona as pessoas no mais íntimo do ser humano. Outrossim, a atividade sexual deve acontecer entre pessoas que tenham relativamente igual poder, maturidade e segurança para poderem doar-se livre e mutuamente em amor. De outra maneira, todas as formas de exploração, degradação, coerção e manipulação são moralmente errôneas. Partindo dessa concepção sacramental, indaga o bispo, por que não admitir que os homossexuais possam ter essa expressão íntegra? Para ele o sexismo e a homofobia estão intimamente relacionados. É preciso que a Igreja se liberte disso. Pois o Evangelho exige que reconheçamos a humanidade plena de cada filho(a) de Deus, seja qual for sua orientação sexual.

John Spong acima mencionado fez, também, a declaração do grupo *Koinonia* perante a Câmara dos Bispos da Igreja Episcopal nos Estados Unidos, que pode ser resumido na forma que se segue:

Creemos que o sexo é dom de Deus; que alguns foram criados heterossexuais e outros, homossexuais; que essa diferenciação é moralmente neutra; que tanto heterossexuais quanto homossexuais podem viver com beleza, honra, santidade e integridade e que podem viver destrutivamente; que quando se vive destrutivamente é função da Igreja dar testemunho da integridade. O grupo se opõe a todas as formas de promiscuidade e sexualidade predatória, que não honra o seu parceiro(a) e não tem compromisso mútuo.

Creemos que o matrimônio é a forma mais elevada de compromisso que um homem e uma mulher fazem uma ao outro e que, pelo casamento, homem e mulher são chamados à santidade.

Creemos, também, que o celibato é uma vocação honrosa para quem recebeu esse dom e pode enriquecer a Igreja e a sociedade.

Creemos, outrossim, que os que se reconhecem como gays e lésbicas e que decidem não viver sozinhos, mas constroem as relações seus parceiros (as) de sua escolha e que são fiéis, monógamos e que vivem a vida de doação mútua devem ser honrados.

No que se refere ao ministério ordenado, o grupo acredita que a ordenação é aberta a todos os batizados conquanto que se respeite o critério regular de seleção. Com efeito há gays e lésbicas assumidos no clero e sua presença tem enriquecido a Igreja com fidelidade e efetividade no ministério.

A Pastoral mais sistemática e exaustiva até aqui é a da Câmara dos Bispos da Igreja Episcopal nos Estados Unidos. Está em continuidade com a que começou em 1976 sobre se deve ou não abençoar a união homossexual e ordenar ou não os homossexuais não-celibatários. Com efeito, trata-se mais de abertura para um diálogo contínuo sobre a sexualidade humana, em que essa questão recebe consideração sob a perspectiva da Igreja como comunhão/comunidade batismal. Esta comunidade enfrentou desde o início as questões decisivas de como sobrepujar as barreiras religiosas entre os judeus e gentios e criou uma identidade que não seja nem judaica nem gentílica, mas cristã e pudessem todos sentar-se à mesa. Também, o questionamento crítico da história mostra os limites da interpretação. É o caso da teoria de Galileu e Darwin que levou a Igreja a revisar a interpretação teológica da época. É hoje o que se deve revisar é a questão relacionada com a sexualidade humana. Sem dúvida, é uma questão que tende a dividir a Igreja. No entanto, seja qual for a divergência sobre a questão, todos estão ligados uns aos outros pela comunhão na proclamação apostólica do Evangelho da Ressurreição, criador da comunidade, e no serviço de tornar a Igreja sempre acolhedora e inclusiva e promotora do respeito à dignidade alheia. Para tanto, faz-se o apelo para estar em diálogo com a comunidade.

Por isso, a Pastoral tece, primeiramente, uma consideração sobre a Igreja como *koinonia* batismal, com base nas Escrituras e na própria aliança batismal do Livro de Oração Comum, e com uma breve excursão nos documentos da Conferência de Lambeth.

Sobre as considerações hermenêuticas das Escrituras afirma: primeiro, a Bíblia é uma coleção feita no decorrer de mil e duzentos anos aproximadamente. Feita de uma variedade de tipos de escritos, muitos dos quais são estórias e reflexões sobre circunstâncias e condições humanas em que Deus frequentemente está direta ou indiretamente envolvido. Muitas vezes, as vozes ouvidas nas Escrituras indicam que as pessoas estão empenhadas em interpretar, entender e tornar relevante para o seu tempo as tradições e experiências que lhe foram dadas. E essas tradições representam, muitas vezes, conflito entre liberdade e escravidão, justiça e injustiça, vida e morte, comunhão hospitaleira e marginalização. Em meio ao mal e ao sofrimento, as pessoas contam sua esperança e a vitória do poder de Deus em criar comunidades de amor e justiça, revelado especialmente na ressurreição de Jesus Cristo. Nisso, a Pastoral não deixa de afirmar o ensino da Igreja de que os autores bíblicos foram inspirados e que o Espírito Santo continua a inspirar sua interpretação e que, ao mesmo tempo, como já foi dito, é um livro histórico. A analogia está na encarnação do Verbo na história. Com efeito, é ensino da Igreja que a Palavra é o Verbo feito carne, de quem as Escrituras são testemunho. Esse Verbo se faz presente na proclamação, no testemunho, na comunhão fraterna e no serviço. Assim as narrativas bíblicas devem ser lidas e entendidas no contexto da ação de Deus para criar, sustentar, e orientar a vida de comunhão. Em outras palavras, no contexto do reinado de Deus.

Como sempre, os anglicanos apelaram ao trinômio Escritura/Tradição/Razão. A interpretação da sexualidade para nossos dias é feita nesse contexto. Por tradição quer-se dizer que esse Verbo feito carne, isto é, que se fez histórico, doou a si mesmo em favor de todos, e foi ressuscitado pelo

poder do Espírito Santo. Como tal, é o núcleo formador da tradição e tradições e interpretações. As tradições são meios humanos falíveis de comunicar essa tradição formadora, essa realidade salvadora de Jesus Cristo. A razão é o meio humano pelo qual expressamos e comunicamos a revelação divina. É mais do que uma análise lógica. É melhor entendida como reflexão orante e racional sobre as Escrituras, à luz de estudos sólidos e da experiência humana. É também reflexão racional sobre a experiência humana e sobre os estudos, à luz das Escrituras. Faz parte da cultura e, como tal, é histórica e culturalmente condicionada. No trinômio acima indicado, a razão não é uma fonte distinta de conhecimento independente das Escrituras e nem é infalível, como também a Bíblia não o é. Embora a Bíblia tenha primazia e possa ser usada para criticar os outros dois elementos, não se ouve e lê a Bíblia sem eles: estão presentes, não são opcionais. A própria Bíblia é testemunho disso. É uma sucessão de pessoas e comunidades que ouviram, interpretaram e comunicaram a Palavra por meio de sua linguagem e culturas.

Por isso, não nos surpreende o fato de que as visões bíblicas da sexualidade estejam entrelaçadas com circunstâncias culturais e históricas. Não se ignora, por exemplo, nas Escrituras, a poligamia como aceitável em alguns casos. As mulheres e crianças são tratadas como propriedades numa sociedade bem patriarcal. Os costumes sexuais são influenciados por vários tabus e ritos de purificação. Há preocupação com a procriação.

Grande número de estórias bíblicas revelam uma visão honesta e realista da sexualidade. Ela é um impulso humano que pode levar os seres humanos ao pecado e à destruição dos indivíduos e da comunidade, embora a visão de sexualidade que margeia o pecaminoso, que veio a ter papel preponderante em algumas tradições cristãs, não seja parte importante da Bíblia.

Há na Bíblia desde o início, o senso de mistério e assombro de que Deus criou a humanidade, macho e fêmea para se unir numa realidade. Nunca dissociada da animalidade humana, a se-

xualidade adquire um fim e assume, com tudo o que é humano, o potencial para o amor doador e beleza. Por exemplo, o Cântico dos Cânticos celebra o aspecto erótico. No Novo Testamento, se vê um senso vigoroso da santidade do matrimônio, sua importância e mutualidade. Embora ainda presa à aculturação patriarcal, a visão do matrimônio e da família que se encontra na Carta aos Efésios (5.21-6.4) descreve a ternura e amor doador que participam no amor de Cristo.

No que se refere à homossexualidade, a Pastoral reconhece que há o perigo inerente em tratar os textos sobre a matéria isoladamente. Também admite que há divergência na interpretação dos textos.

As questões da leitura giram em torno da estória de Sodoma e Gomorra em Gênesis 19 e seu reflexo em outros escritos. Há quem entenda que se trata da condenação da prática homossexual. Outros entendem que a condenação se refere à violação da hospitalidade e à violência sexual. O pecado de Sodoma não é especificamente sexual, mas de violência e injustiça. Em Mt 10.14-15 e Lc 10.7-16 o pecado daquela cidade foi o de não ser hospitaleira aos forasteiros. Em Ez 16.48-50, a cidade foi destruída por causa de seu orgulho, do excesso de recursos enquanto os pobres sofriam e da idolatria. O sexo não aparece mencionado.

Então, é preciso refletir sobre onde está o peso na leitura das Escrituras. Neste sentido, a indagação sobre o peso na leitura do Código da Santidade, em Levítico, feita pela profa. Ellen F. Davis, do Seminário de Virgínia, é pertinente. Há diversas orientações nesse código que são histórica e ideologicamente condicionadas. Por exemplo, a não admissão dos deficientes físicos para a oferta sacrificial (função sacerdotal). Certamente, os símbolos da santidade vieram a existir para salvaguardar a santidade de Israel. E os símbolos se tornam obsoletos. No cap. 19, a proibição do uso de diferentes tecidos se encontra juntamente com o amor ao próximo, aos forasteiros, pobres e desprotegidos como se fosse a celebração do memorial da libertação do Egito. É claro

que o peso da compreensão da santidade está no amor expresso no memorial, no amor para com os desprotegidos e com os de fora, em analogia com o memorial. A santidade é a hospitalidade para com Deus de modo que Ele se sinta em casa. Há insinuação, assim, à travessia entre o puro e impuro. Essa travessia aparece por trás da estória de Jesus com a mulher siro-fenícia, em Mc 7. Então, não se trata de negação do núcleo formador de tradição, nem tampouco da aculturação dos diferentes no tradicional. É, porém, uma expansão extraordinária da comunidade santa em outra situação, em outra cultura, incluindo os outrora distantes e excluídos. Pois Jesus se torna forasteiro noutro lado, cruzando as fronteiras da "pureza" e da "impureza" e reconhecendo os gentios. É certo que essa passagem não foi "fácil". Assim, ler a Escritura sobre a sexualidade ou sobre outra matéria é o início de um diálogo e até de um debate caloroso, mas não é o fim. Ler as Escrituras é mais uma oração para que a Palavra nos fale hoje e nos oriente para que sejamos uma morada agradável a Deus e fraterna uns com os outros e não é uma recepção de fórmula já acabada (Davis, 1996).

"Proseguindo o Diálogo...", (a pastoral) inclui considerações sobre as pesquisas e reflexões científicas sobre a matéria, em consonância com o terceiro elemento do "trinômio" acima referido. O resultado disso é o questionamento dos pressupostos sobre homossexualidade. Aqui mencionamos alguns deles:

Há o pressuposto de que a sexualidade é uma questão de escolha, mas os estudos sérios mostram que é questionável, digamos, essa "crença". Também não é uma população marginal, um percentual significativo é homossexual. Não é psicopatologia, nem é "anormal". Diga-se, aqui, de passagem que se trata de "normalidade diferente" que ocorre, também na natureza, apontada pelo Primaz da Escócia. Não são molestadores de crianças. Sempre há, mas o percentual dos molestadores por parte dos heterossexuais é maior. Os gays não são afeminados, e as lésbicas, mas-

culinizadas, por serem homossexuais. Também, não há evidência de que eles podem ser convertidos, reorientados. Por outro lado, o pressuposto de que os gays odeiam mulheres e as lésbicas homens é questionável, porque eles ou elas são capazes de amizade e fraternidade "assexuada", como, por exemplo, uma relação de irmão/irmã.

Não há dúvida de que há grupos e indivíduos que, no anglicanismo, levam a questão para o lado do pecado, da psicopatologia e advogam o método de "conversão". E há quem questione o conhecimento deles na área da ciência (razão, terceiro elemento do trinômio anglicano). O problema central, porém, está na área da bênção matrimonial dos homossexuais e da ordenação dos homossexuais não "celibatários". E o diálogo continuará por caminhos "difíceis". O atual arcebispo de

Cantuária, George Carey, e o bispo John Spong trocaram nestes dois ou mais anos cartas abertas francas e até ásperas, por vezes. Conforme recente notícia do *Ecumenical News International*, houve mutuamente uma trégua para continuar em diálogo. Isso faz parte do jeito anglicano de tratar coisas novas e difíceis visando o fortalecimento da comunhão em diversidade.

Bibliografia

- DAVIS, Ellen F. Reading Leviticus in the Church. *Virginia Seminary Journal*, Winter-1996, p. 9730-34.
- THE ANGLICAN CHURCH OF CANADA. Site na Internet: <<http://www.province-canada.anglican.org>>.
- THE REPORT OF THE LAMBETH CONFERENCE 1978. pp. 64-65.
- THE REPORT OF THE LAMBETH CONFERENCE 1988. *The Truth Shall Make You Free*. 1988.